

Philippe Willemart

A imagem dilacerada por cálculos e letras

Primeiro movimento da escritura onde cientistas e literatura se encontram¹

No seu estudo sobre a escrita, Flusser reinterpreta a narrativa de criação que permite uma compreensão diferente do processo de escritura. Deus não apenas inscreveu a imagem do homem em um barro disforme, mas no barro que já representava sua imagem. “Façamos o homem à nossa imagem, à nossa semelhança, e deixemos que governem sobre os peixes do mar, as aves do ar, o gado, todos os seres selvagens e todos os bichos que enchem a terra. Deus criou, o homem à sua imagem, à imagem de Deus, criou-o, homem e mulher e criou-os”. (Gênesis 1,26-27)

Enquanto a Bíblia de Jerusalém enfatiza a diferença entre "imagem" e "semelhança", com o último termo "atenuando a paridade", Flusser ignora a distinção e toma a imagem literalmente - a imagem de Deus está impressa no barro: "Deus moldou sua imagem com argila para infundir seu sopro nesta imagem. Deus não inscreveu em argila amorfa, Ele inscreveu numa imagem de barro. ». (Flusser, 2011, p. 30)

Deus teria, portanto, insuflado seu poderoso sopro em sua própria imagem e, assim, teria destruído, se não apagado, sua imagem para dar à luz ao homem consistindo em restos da imagem de Deus e não pó de barro. Este é um primeiro ponto que endossa a intenção do contador de histórias bíblicas de reduzir a paridade, fazendo do homem não mais uma imagem parecida, mas ainda pior, uma imagem em pedaços, não sem notar que o ponto de partida é uma imagem perfeita que seria a da primeira narrativa onde Deus age fora do círculo da *Crônica de Nuremberg*. Processo que une as duas narrativas e separa radicalmente Deus de suas criaturas.

Segundo ponto: "Comparando Deus a um 'tigre', que esculpiu sua imagem em barro para rasgá-la em pedaços, Flusser deduz que 'a escrita é iconoclasta' porque destrói imagens como Deus, judeus e muçulmanos fizeram da imagem de Deus.²

Terceiro ponto: reproduzir a imagem em si semelhante ou seus fragmentos não significa criar. O que devem fazer aqueles que escrevem para inventar sejam artistas, escritores ou

¹ Imaginando como o escritor e o crítico trabalham, imaginei uma roda de escrita que gira após cada rasura e onde distingo cinco instâncias que se sucedem a cada movimento: as instâncias do escritor, do scriptor, do narrador, do revisor e do autor, instâncias ligadas a um grão de gozo que subjaz a toda escrita.. Willemart, 2014, p. 5. Para simplificar a análise, aqui vou reduzir as instâncias da roda de escrita aos movimentos da escritura

² A iconoclastia existe desde os tempos antigos. No Egito faraônico, não era incomum ver estátuas de faraós divinizados destruídas por seus sucessores (por exemplo, destruição de estátuas de Hatshepsut por seu sucessor Tutmés III). A proibição da representação está presente no monoteísmo judaico muito antes da era cristã. Esta proibição será retomada durante o aparecimento de outros monoteísmos, cristãos e depois muçulmanos. Wikipédia

científicos? Um movimento negativo primeiro como Deus: “O estilete usado para escrever volta-se contra o tiro as imagens que nós fizemos do e a partir do mundo objetivo. Ela volta-se contra qualquer zona do imaginário, do mágico e do ritual, que colocamos diante do mundo objetivo. Ele dilacera nossas representações do mundo para organizá-las de formas esfarrapada em linhas ordenadas, em conceitos que podem ser contados, contados e criticados.” (Flusser, 2011, p. 31)

A passagem das imagens para a escritura equivale a abandonar as imagens conscientes ou inconscientes que constituem nosso mundo supostamente objetivo. Flusser não se refere aos nossos escritores de hoje que usam a caneta, a caneta ou o computador para sobrescrever, mas àqueles que escreveram com um estilete ou calame em cera ou pergaminho.

Apesar da distinção evidente entre letrados e científicos porque os últimos exigem um texto “adequado às coisas externas” (Flusser, 2011, p. 46), o filósofo os reúne na escritura defendendo que “Letras e numerais funcionam como cinzeiros na arte da escultura e (que) a realidade lá fora é um bloco de mármore no qual a ciência esculpe uma imagem do mundo”. (Flusser, 2011, p. 47)

Continuando a tradição milenar do uso do estilete e ou do calame, os científicos, os escritores e os artistas escrevem, pintam ou esculpem a partir das imagens armazenadas na cultura de cada um e contra as quais eles escavam para destruí-las e refazê-las, cada um a sua maneira, o que ilustrarei com alguns exemplos.

Em *Édipo na Estrada*, Bauchau mostrando que quando as personagens entravam em transe, uma imagem ancestral reaparecia em três dimensões, enquanto na vida cotidiana permanecia bidimensionais sem perturbar a personagem. (Willemart, 2023,119) Flusser restringe mais ainda a a imagem, a reduzindo pela escritura “a um código unidimensional das linhas” (Flusser, 2011, p. 31)

O romance de Bauchau se passava na Grécia de Antígono e seus irmãos inimigos, Polínicos e Etéocles, filhos de Édipo e Jocasta, mas hoje, quais são as imagens que formam nossa visão de mundo e contra as quais o escritor e os artistas se rebelam? Bastaria pegar romances ambientados nos séculos XX ou XXI?

Chamar seu romance *A Definição da Felicidade* e descrever cenas de felicidade verdadeira ajudará o leitor a deixar de lado a magia contida nesse estado, “dilaceando” as representações da felicidade e depois ordená-las? As histórias das personagens Clarisse e Eva que se descobrem meias-irmãs no meio do romance opõem-se na busca da felicidade, uma quer que ela seja imediata “sob a forma de uma pepita que brilhou com um brilho singular”, para a outra “a felicidade só existia somente na duração e na continuidade” (Cusset, 2021, p. 345). Multiplicar as situações que ilustram a pluralidade de experiências em busca do mesmo estado, desfaz a ilusão de felicidade idílica que o homem costuma ter desse estado.

A ideia comum de matemática chata, assustadora e muitas vezes odiada é dilacerada pela escritura de Yoko Ogawa, que apresenta um professor de matemática aposentado que promete ao filho de 10 anos de sua criada: "Se você souber usar sua cabeça, conseguirá colocar todos os números em seu lugar, até os números infinitos e invisíveis" e ele o chama de "Raiz Quadrada". (Ogawa, 2017, 9) O leitor é assim iniciado ao conceito de números amigáveis, primos, números fatoriais, números transcendentais³ etc., que diluídos na história reconcilia matemática e leitores.

As ideias sobre o amor estão absolutamente dilaceradas em *L'amour, la mer*, de Pascal Quignard, como ele escreve na contracapa: "Qualquer homem, qualquer mulher, que atribua um fim ao amor não ama. Qualquer ser humano ou animal que estabelece a meta para o amor, não ama. Quem impõe um conteúdo não ama. Quem sonha com um lar, uma casa, um filho, ouro, uma recompensa, não ama. Quem corre atrás de reputação, ascendência social, cavalo, carruagem, honra, não ama. Quem almeja o campeão do torneio, integridade religiosa, limpeza, delicadeza da comida, ordem do lugar, cuidado com o jardim, não ama. Aquele que finge entrar em um grupo ao qual não pertence, até para atingir os objetivos mais seguros, a mãe no homem, o avô materno na mulher, não ama. Quem busca cultura, virtuosismo, coragem, experiência, orgulho, conhecimento, não ama. No abraço, Deus e o eu morreram." (Quignard, 2022) Ou brincando com os sons, Quignard citando Pierre de Marbeuf (1628): "« Et la mer et l'amour ont l'amer pour partage » ou "E o mar e o amor compartilham o amargo "

Em *Sideration*, de Richard Powers, a imagem do espaço povoado por estrelas, a lua e as constelações de nossa galáxia desaparece não apenas na frente dos quatrocentos bilhões de estrelas em nossa galáxia, mas também diante do imenso espaço contendo dois trilhões ou 10²¹ de galáxias. A imagem do homem, o ápice da evolução, é rachada sob a sensibilidade de um garotinho autista, Robin, que, cativado por seu pai astrobiólogo, sente-se parte do Universo, sofre com os ursos e as vacas dos Apalaches que sofrem de doenças contagiosas e pergunta: "Com esses dois trilhões de galáxias para morar, como é que não há ninguém em lugar nenhum?" (Poderes, 2021, 20)

Em *Né d'aucune femme*, de Franck Bouysse, várias imagens são borradas. A imagem de um diário escrito dia após dia desmorona diante dos infortúnios contados, diário que contrasta com o de Charles Juliet, que relata suas leituras e acontecimentos cotidianos. (2020) A imagem estupefaciente do mal que afeta a personagem Rose vendida por seu pai, estuprada e marcada com ferro quente por seu mestre, surpreende o leitor; a imagem do herdeiro que nasce de um estupro e depois é roubado de sua mãe; a imagem de uma família camponesa que vê o assassinato do pai pelo comprador de sua filha e o suicídio fracassado por afogamento da mãe, a imagem de um

³ Um dos exemplos mais famosos de um número transcendente é π (pi), a constante matemática que representa a razão entre a circunferência de um círculo e seu diâmetro. Outros exemplos de números transcendentais bem conhecidos incluem e (a base do logaritmo natural) e $\sqrt{2}$ (a raiz quadrada de 2)

manicômio que serve para velar o roubo de um bebê e esconder os roubos e crimes do médico-chefe; a imagem do nome atribuído a uma única personagem que também é atribuído a outra, sustenta a trama e o suspense.

Na ciência, nada é mais convincente do que as descobertas de Einstein anotadas na nota de rodapé 10 que refazem nossa concepção de espaço-tempo, as de Carlo Rovelli sobre a gravidade quântica em loop que nos fazem sonhar com o espaço físico descontínuo, formado por grãos de "átomos do espaço" muito pequenos: um bilhão de vezes menor que o menor dos núcleos atômicos ou as revelações de imagens cerebrais em nosso cérebro de 85 milhões de neurônios

Consequências para a interpretação da escritura

O primeiro movimento da escritura significará "um compromisso antimágico (que) priva (o leitor) de representações de imagens anteriores à escritura, [...] que davam um sentido ao mundo e à (sua) consciência" e onde, no mesmo gesto de seres de desejos à procura de surpresas, tanto o escritor como o cientista e mesmo o crítico, recolhem as imagens que sentem e veem, que depois serão dilaceradas no segundo movimento da escritura, isto é, analisadas, classificadas e compreendidas pela submissão à língua ou aos cálculos.

Segundo movimento da roda no qual se diferenciam científicas e literárias

Calcular tudo "ao nível da natureza sem vida (as partículas dos átomos) ou ao nível da natureza viva (genes)" e procurar o algoritmo que os explica (Flusser, 2011, p. 48)⁴ fará a diferença entre o científico e o literário, uma vez que o primeiro não inventa a não ser às vezes uma teoria e observa o algoritmo agindo em átomos ou genes enquanto o escritor inventa gradualmente seu algoritmo chamado também de estilo no decorrer das versões sucessivas.

São duas maneiras de dilacerar as imagens ou os objetos: reduzi-los a bits quânticos ou não ou em elementos lógicos e encontrar ou criar um algoritmo.

Reduzir a escrita a um algoritmo empobrece a escritura? Não, se definirmos este conceito como "uma sequência finita e inequívoca de instruções e operações para resolver uma classe de problemas". (Wikipédia) Este conceito pode, portanto, ser aplicado tanto a uma sequência de cálculos quanto à coerência exigida pela ficção e pela sintaxe.

⁴ Nenhuma alusão é feita ao Coup de dés de Mallarmé, que, no entanto, organizou os versos em um espaço diagramático onde as "relações espaciais entre os signos correspondem às relações entre seus significados" (Nöth, 2022, p. 7).

É certo que o cientista quase sempre se deparará com uma esfera inexplicável pela teoria atual e muitas vezes impossível a calcular ou e não poderá traduzir tudo em bits. Exemplo: o observador de exoplanetas, aqueles que não giram em torno do Sol, não será capaz de explicar com seus cálculos todos os fenômenos revelados pelo Telescópio Espacial James Webb nem os astrofísicos sabem até agora como descrever a formação de micro-buracos negros, embora Stephan Hawking tenha demonstrado sua existência por cálculo. (Luminet, 2013 e Saco, 2023)

É assim também para o escritor ou para o pintor? Em outras palavras, o primeiro movimento da escritura pode ser totalmente traduzido em palavras ou pinceladas de cor? Não acredito. Ao usar as cores ou palavras com múltiplos significados, nem o escritor nem o artista conseguem imaginar a magnitude do que estão pintando ou escrevendo.

Esse ininteligível momentâneo explica tanto a riqueza da crítica artística ou literária quanto leva os letrados e os científicos a explicar um pouco mais o real para alguns ou inventar outros cálculos ou outras teorias abrangentes para estes últimos.

Os limites da interpretação ou o terceiro movimento da escritura para os cientistas e os escritores

Ao interpretar o que traduziu em palavras ou em cálculos no segundo movimento, os pesquisadores se deparam com a impossibilidade de entender tudo, incompletude que já havia sido levantada por Kurt Gödel em 1931⁵ e que Flusser retoma para enfatizar que também é inútil querer “Reduzir totalmente a lógica (letras) à mathesis (números) [...] Temos de aceitar que somos condenados pela organização de nossos órgãos sensoriais e por nosso sistema nervoso central a conviver com, no mínimo, duas "realidades" incompatíveis uma com outra: a auditiva das letras e a visual dos números. Assim, fica claro que os textos científicos tentam superar essa incompatibilidade fundamental entre audição e visão, pela submissão desta àquela.” (Flusser, 2011, p. 47) Como Flusser chegou a essa divisão entre ouvir para letras e visão para digital?

Num primeiro momento, Flusser retoma Mc Luhan, que argumentava que "nenhuma forma de escrever, pictográfica, ideogramática ou hieroglífica tem a força destrabalizante do alfabeto fonético" (Mc Luhan, 1962, 46 citado por Nöth, 2022, p. 3). O alfabeto fonético permite sair do universo cultural da imagem porque "retira todo o sentido do som das letras", o que leva Flusser a preferir a visão e não mais a audição que pressupõe o sentido. Então, num segundo passo,

⁵ O primeiro teorema da incompletude de Gödel afirma que uma teoria coerente suficiente para provar os teoremas básicos da aritmética é necessariamente incompleta, no sentido de que há afirmações que não são nem demonstráveis nem refutáveis (uma afirmação é demonstrável se puder ser deduzida dos axiomas da teoria, é refutável se sua negação puder ser deduzida). São as chamadas afirmações indecidíveis em tese. Wikipédia.

restringe a visão ao digital ou ao zero-um e não mais ao alfabeto fonético. Finalmente, num último passo bastante lógico, "após a era das mensagens lineares da escrita, o não-linear predominará": "Quando estamos diante de um problema, seja ele físico, biológico, social ou psicológico, não tentamos mais descrevê-lo, mas sim transformá-lo em um diagrama. Não pensamos mais literalmente, mas numericamente, não mais com a audição, mas com a visão. E se ainda designamos por nomes, isso deve ser considerado um estágio de transição." (Flusser, 2011, p. 48)

Essa suposta "incompatibilidade" fundamental entre audição e visão, na verdade, não existe por uma razão que Flusser não podia saber. Antes do desenvolvimento da neuroimagem, acreditava-se que os neurônios no cérebro tinham uma função única por exemplo, neurônios para a visão e outros para a audição. No entanto, na década de 1970, neurocientistas descobriram neurônios multissensoriais que coexistem com neurônios unissensoriais. Alguns estudos do cérebro hoje até consideram a multissensorialidade de todos os neurônios. Isso significa que a divisão entre letras e a mathesis não é tão radical para o nosso cérebro, que sabe lidar com ambas as funções dependendo das circunstâncias.

O terceiro movimento da escritura consistirá em construir uma sequência de equações ou uma narrativa que permita aos pesquisadores prever o futuro inventando uma teoria ou personagens através de textos muitas vezes acompanhados de cálculos para cientistas.

Lembremo-nos de Einstein que pela teoria da relatividade geral previu fenômenos observados e calculados bem depois⁶ ou Stephan Hawking, citado acima, prevendo micro-buracos negros, ou muitos escritores criando personagens que anunciam modelos de comportamento na sociedade capitalista, como Mme Bovary de Flaubert e Lucien Rubempré de Balzac, para me limitar ao século XIX.

Direi, portanto, que os limites existem, mas detectados e nomeados, eles diminuem gradualmente graças à escritura e não pelo cálculo da realidade no início, o que confirma o retorno à letra dos cientistas que submetem seus cálculos à audição escrevendo-os.

⁶ Entre as previsões da relatividade geral que foram posteriormente confirmadas estão entre outras:

1. Desvio gravitacional da luz: A Relatividade Geral prevê que a luz que passa por regiões com um campo gravitacional intenso será desviada. Esse efeito foi confirmado experimentalmente em 1919, durante um eclipse solar, quando as estrelas próximas ao Sol foram observadas em posições ligeiramente diferentes das suas posições normais, devido à curvatura do espaço-tempo ao redor do Sol.

2. Dilatação do tempo: De acordo com a Relatividade Geral, a passagem do tempo é afetada pela gravidade. Em experimentos com relógios atômicos em diferentes altitudes, a dilatação do tempo prevista pela teoria foi confirmada. Relógios em regiões com maior campo gravitacional correm um pouco mais devagar em relação a regiões com menor campo gravitacional.

3. Desvio para o vermelho gravitacional: A Relatividade Geral prevê que a luz que escapa de um campo gravitacional intenso será desviada para o vermelho, ou seja, terá seu comprimento de onda aumentado. Esse desvio para o vermelho foi observado em estudos de luz emitida por estrelas próximas a buracos negros supermassivos.

4. Ondas gravitacionais: A Relatividade Geral prevê a existência de ondas gravitacionais, perturbações no espaço-tempo que se propagam na velocidade da luz. Em 2015, as primeiras ondas gravitacionais foram detectadas pelo Observatório de Ondas Gravitacionais por Interferômetro a Laser (LIGO), confirmando a existência dessas ondas e fornecendo uma evidência direta da teoria de Einstein. ChatGPT acessado em junho de 2023.

O conceito de imaginação poética de Gaston Bachelard, que equilibra entre "o caráter inescapável do cogito cartesiano" e "o caráter necessário do autodesenvolvimento especulativo da totalidade do ser do qual o cogito seria apenas um momento abstrato", é mais um fato que deve ser levado em conta com a vantagem de unir cientistas e literatura. (Costa, 2015, 123 e Klein, 2014) Além disso, sabendo que "Toda física moderna é contraintuitiva, fazer física, disse Gaston Bachelard, é pensar contra o cérebro." (Klein, 2021), "significa, essencialmente, que devemos adotar uma visão aberta – isto é, inquieta – da razão." (Rádio França, 2019)

Os limites do robô

Flusser previu os poderosos robôs de inteligência artificial de hoje não sem exagerar suas capacidades: "O computador parece substituir de modo lento (e irrevogável) as funções espirituais do homem, uma após a outra: calcular, pensar de maneira lógica, decidir, prever (Flusser, 2011, p. 48).

Calcular, sem dúvida, mas pensar, decidir e prever não está inteiramente ao alcance do robô. Questionado sobre esse ponto em junho de 2023, o ChatGPT responde com muita precisão: "Como um modelo de linguagem baseado na arquitetura GPT-3.5, não tenho a capacidade de prever com precisão o futuro. Meu treinamento foi feito até setembro de 2021, o que significa que não tenho informações sobre eventos específicos que acontecerão em 2024 ou depois. É importante notar que as previsões sobre o futuro são inerentemente incertas e que é impossível prever com certeza o que acontecerá no futuro."

Armado com uma poderosa memória de cálculo, o robô pode desenrolar um texto diante de nossos olhos, pintar um quadro⁷ ou criar uma melodia⁸ a uma velocidade de alguns milissegundos a vários segundos, dependendo da dificuldade, em qualquer assunto revelando que o texto, a tabela ou a melodia nascem de cálculos extremamente complexos para um cérebro humano e não de raciocínios ou de pensamentos.

Além disso, se "a ciência que esculpe uma imagem do mundo" (Flusser, 2011, p. 47) ainda não consegue circular ou calcular tudo, a fortiori a IA não será capaz de calcular o impalpável, nem o que ainda não existe nem o que produz a imaginação poética ou os eventos que ocorreram após sua programação e treinamento.

As respostas, que se seguem às perguntas que lhe faço, destacam as limitações do robô.

⁷ Veja o robô e-David desenvolvido por pesquisadores da Universidade de Konstanz, na Alemanha, especialmente projetado para criar reproduções de obras de arte.

⁸ <https://soundraw.io/>

O GPT pode inventar personagens? Sua maneira de responder indica que ele não pode criar senão descrever um personagem do qual lhe fornecerei alguns detalhes, seu nome, sua aparência física, sua personalidade, sua história de vida, suas motivações, seus pontos fortes e fracos, etc.: "Quanto mais informações você me dá, mais posso lhe fornecer uma descrição detalhada do personagem". Você pode desenvolver um personagem existente como Lucien de Rubempré? Ele admite "sua incapacidade de fazê-lo evoluir ou de criar novas histórias ou desenvolvimentos para este personagem de Balzac".

Por outro lado, se lhe peço para criar um conto, ele escreve: "Claro, posso ajudá-lo a escrever um conto! Aqui está um começo de um conto para você: Era uma vez, em uma floresta encantada, uma pequena raposa chamada Remy. Remy tinha um casaco vermelho brilhante e olhos cintilantes de inteligência. Ele vivia com sua família em uma toca aconchegante, escondida entre árvores majestosas, etc."

Quanto a inventar um romance: "Como IA, posso definitivamente ajudá-lo a gerar conteúdo para um romance. No entanto, escrever um romance completo é um processo complexo e criativo que requer planejamento cuidadoso, estrutura narrativa, personagens desenvolvidos e progressão da história." E termina com "Por favor, note que vou gerar conteúdo com base nas informações que você fornece, mas o processo criativo e a escrita final do romance continuam sendo sua responsabilidade como autor".

Ele também ficará "encantado em me ajudar a escrever um poema". Você pode me dar um tema específico ou ideia que você gostaria que o poema se concentrasse? Isso me permitirá personalizar ainda mais o poema de acordo com suas preferências."

Existem outros robôs, como o *Stable Diffusion online*, que fornece imagens sob demanda, mas ainda não conhecem a história. Peço-lhe uma imagem de Godofredo de Bouillon, herói belga das Cruzadas e ele dá-me imagens de sopa de caldo (bouillon), depois peço-lhe uma imagem da Mona Lisa e aparecem vários retratos distorcidos de uma senhora do tempo de Leonardo da Vinci.

Em conclusão, a partir da leitura de Flusser do segundo relato da criação na Bíblia, onde ele apoia a ação deletéria de Deus destruindo sua imagem para criar o homem, eu me perguntei como Flusser via a invenção de artistas, escritores ou cientistas por esse ângulo. Sua extraordinária resposta enfatiza que os inventores devem usar letras e números para esculpir suas descobertas na realidade externa, o que exemplifiquei tanto na literatura quanto na ciência.

Em seguida, a partir dessa premissa, comparei a maneira com a qual o escritor e o robô se encaixam nos movimentos da escritura. Não pertencendo a nenhum país, sendo virtual, o robô não pode, como o escritor, sentir as ansiedades de uma determinada comunidade e recolher as imagens que a constituem. Ele não pode, portanto, se prender a uma imagem para dilacera-la como Deus, os escritores e os artistas.

No entanto, tendo acesso a um mundo quase infinito de informações maior do que qualquer homem, o robô é apenas limitado por seu ano de programação. Ele sabe tudo sobre o duplo significado de palavras, sinônimos, metáforas ou metonímias e sabe como usá-las em seu contexto.

Em que, ele não é um instrumento de linguagem como o escritor neste caso? O escritor é guiado em direção a um objetivo muitas vezes desconhecido pela linguagem através dos múltiplos significados de palavras, sinônimos, metáforas ou metonímias, enquanto o robô responde ao desejo do solicitante ou o executa. Um está nas garras do desejo e o segundo da demanda não por amor, mas por informações. Um sonho, o segundo troca de dados. O primeiro não estabelece regras, o segundo segue seu algoritmo. A incerteza e a indeterminação do primeiro opõem-se à certeza e ao determinismo do segundo. O robô, portanto, não será capaz de substituir o escritor ou o artista, no máximo, poderá colaborar na criação ou invenção como resultado de sua imensa memória ou em termos flusserianos, não será capaz de dilacerar a realidade, mas somente repeti-la, o que confirma sua diferença com os inventores.

Referências

- Académie des sciences (2002) Le cerveau secrète-t-il la pensée ? , <https://www.youtube.com/watch?v=pnZkA8zcH6E>
- Bachelard, G. La poétique de l'espace, Paris : PUF, 1960
- Bauchau, H. Oedipe sur la route, Arles : Actes Sud, 1999
- Bouysse, F. Né d'aucune femme, Paris : La Manufacture du livre, 2019
- Costa, C. L'imagination Poétique chez Bachelard: Un enjeu franco-allemand. Remates de males. Campinas, 2015, 121-142, <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8641509/9026>
- Cusset, C. La définition du bonheur, Paris: Gallimard, 2021
- Flusser, V. « Tes père et mère honoreras ». Y a-t-il un futur pour l'écriture? [“Honrareis o vosso pai e a vossa mãe”. Há futuro para a escrita?] Théâtre/Public (Gennevilliers / Paris), 1986, no. 67, p. 79- 81. Online: <https://www.cairn.info/revue-multitudes-2019-1-page-190.htm>.
- Flusser, V. Is there a future to writing? Manuscrito s.d., 1986
- Flusser, V. Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft? 1. ed. Göttingen: Imatrix Publications, 1987.
- Flusser, V. Die Schrift. Hat Schreiben Zukunft? 2. ed. Frankfurt/Main: Fischer, 1992 como um posfácio de junho de 1989
- Flusser, V. A Escrita: Há Futuro para a Escrita? Tradução Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010

- Flusser, V. Does Writing Have a Future, trad. Nancy Ann Roth com uma apresentação de Mark Poster, “An Introduction to Vilém Flusser’s Into the Universe of Technical Images and Does Writing Have a Future?” Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 2011.
- Flusser, V. Depois da escrita. Manuscrito, Seminário sobre “A Escrita”, Falkenstein, Hessen (20-21/11/1987).
- Flusser, Vilém. Die Schrift – Hat Schreiben Zukunft? Bildende Kunst (Ostberlin), no. 11 (1989), p. 54-55.
- Juan, C., Complexité de l’intégration multisensorielle chez le primate humain et non-humain. Toulouse, 2017, <https://theses.hal.science/tel-01989921/document>
- Juliet, C., Le jour baisse, Journal X, 2009-2012, Paris, POL, 2000
- Klein, É., 6 mai 2014, <https://www.youtube.com/watch?v=GXjRyOnvNn0>
- Klein, É., 12 mars 2021, <https://www.dailymotion.com/video/x7zvvqh>
- Lebrave, J-L et Marher, R., Ces machines qui (nous) écrivent. Genesis, Paris, Sorbonne Université Press, 2023
- Luminet, J-P., 15 décembre 2013, <https://www.youtube.com/watch?v=53R5IEX01ao>
- McLuhan, M., The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man. Totonto: Totronto University Press, 1962. – Port.: A Galáxia de Gutenberg: A Formação do Homem Tipográfico, trad. L.G. de Carvalho e A. Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1972.
- Nöth, W., Flusser e a escrita: A herança de Toronto e os paradoxos da escrita após o fim da escrita. Flusser Studies 33, mai 2022, <https://www.flusserstudies.net/archive>
- Ogawa, Y., A fórmula preferida do professor, São Paulo, Estação Liberdade, 2003/2017
- Powers, R., Sidération , (Trad. Serge Chauvin), Arles, Actes Sud, 2021
- Radio France, 27 avril 2019, <https://www.radiofrance.fr/franceculture/podcasts/la-conversation-scientifique/gaston-bachelard-ou-l-art-de-penser-contre-son-cerveau-8814229>
- Quignard, P., L’amour, la mer, Paris, Gallimard, 2022
- Saco, L., 4 juin 2023, https://www.futura-sciences.com/sciences/actualites/astrophysique/astronomie-trous-noirs-hawking-ne-seraient-pas-seuls-evaporer-rayonnement-quantique-105635/?utmme-dium=push&utm_source=web&utm_campaign=edito&xtor=AD-82-edito
- Santaela, L., Flusser: um pensador visionário. Flusser Studies 15. Fortaleza, Mai 2012
- Vittek, A-L., Intégration multisensorielle : implications du thalamus et du cortex, Toulouse, 2023 <https://theses.hal.science/tel-04031899v1/document>
- Willemart, Ph., Psicanálise e teoria literária, São Paulo, Perspectiva, 2014
- Willemart, Ph., Ascendance de l’image ancestrale dans l’imaginaire d’Henry Bauchau, Revue Internationale Henry Bauchau, 2023,13